

Malabares: um Olhar sobre a Fronteira Brasil/Bolívia*

Malabaristas: una mirada sobre la frontera Brasil/Bolivia

Anderson Luís do Espírito Santo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços/Câmpus do Pantanal, Corumbá. E-mail: anderson_adm_@hotmail.com

Rainne Feitoza Nascimento

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços/Câmpus do Pantanal, Corumbá. E-mail: rainne_1000@hotmail.com

Rosa de Barros Ferreira de Almeida

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços/Câmpus do Pantanal, Corumbá. E-mail: rbf_almeida@hotmail.com

*Artigo originalmente apresentado no **III Seminário Internacional de los Espacios de Frontera (III Geofronteras)**, Universidad Nacional de Itapúa (UNI), Encarnación (Paraguay), 8 a 10 de setembro de 2015.

Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

Resumo -O propósito deste artigo é discutir a participação dos malabares na cidade de Corumbá/MS, evidenciando como a sociedade os vê e que uso os mesmos fazem da fronteira em foco. Para tanto, foram realizados levantamentos bibliográficos, seguido de entrevistas, por meio de um roteiro semiestruturado, e observação informal. A partir da organização das informações coletadas, através das técnicas de análise de conteúdo, é possível afirmar que os malabares usam a fronteira tanto como rota de entrada, quanto rota de saída; são sim artistas de rua e, dentre as maiores dificuldades enfrentadas por eles podem ser citadas: a falta de um espaço para apresentação da sua arte; ausência de apoio aos imigrantes e a existência do preconceito aos olhos dos moradores locais, fato que faz a população confundir sua arte com uma forma de ganhar dinheiro "fácil" sem trabalhar – daí a definição dos mesmos como "pedintes".

Palavras chave: Malabares; Fronteira; Imigrantes; Brasil-Bolívia.

Resumen -El propósito de este artículo es discutir la participación de malabaristas en la ciudad de Corumbá/MS, que muestra cómo la sociedad los ve y como ellos utilizan la frontera en análisis. Para este fin, se llevaron a cabo estudios de la literatura, seguido de entrevistas, a través de un plano semi-estructurada y observación casual. Desde la organización de la información recopilada a través de las técnicas de análisis de contenido, se puede decir que el malabaristas utilizan la frontera tanto como ruta de entrada, la ruta de salida; sí son artistas de la calle y entre las mayores dificultades que se enfrentan estos se pueden citar: la falta de un espacio para la presentación de su arte; falta de apoyo a los inmigrantes y la existencia de perjuicio a los ojos de los residentes locales, un hecho que hace que las personas confunden su arte con una manera de hacer dinero "fácil" sin trabajo - por lo tanto, los definen como "mendigos".

Palabras clave: Malabaristas; Frontera; Inmigrantes; Brasil-Bolívia.

Introdução

A familiaridade pela visão cotidiana dos malabares, como serão tratados nesse artigo os artistas de rua que praticam atividade idêntica à circense, de jogar para o alto, objetos como bastões ou bolas na realização de apresentação nos sinais de trânsito (semáforos), leva a pensar essa realidade como normal em um cenário urbano, contudo, é muito mais

Perspectiva Geográfica-Marechal Cândido Rondon, Ed. Esp., v.11, n.15, p. 13-22, jul.-dez., 2016

que isso. A rua é o verdadeiro palco da diversidade aonde, a presença dos malabares, representa o espaço de criatividade e emancipação da produção e reprodução social.

A arte circense praticada nas ruas é uma atividade tão presente no cenário urbano contemporâneo que induz a refletir sobre a familiaridade da sociedade com a presença dos malabares. Para além desta visão, a presença destes atores torna a rua um verdadeiro palco de demonstrações da diversidade artística representando, dessa forma, o espaço de criatividade e emancipação da produção e reprodução social. Além disso, pode-se afirmar que a presença (ainda que transitória) destes artistas traz profundas significações as quais, muitas vezes, passam despercebidas pelo olhar da sociedade. Nesse sentido, Bergamasco e Silva (2006, p.22), apresentam que o “malabarismo nada mais é do que a arte de manipular objetos com criatividade, agilidade, precisão e harmonia. Pode ser feito com bolas, clavas, argolas, tochas, facas, serras, caixas, entre outros objetos”.

O elemento que instiga o debate nesta pesquisa justifica-se pelo fato da presença, por vezes anônima, destes artistas que circulam em várias regiões da América Latina. Uma das rotas de passagem utilizadas por estes artistas é Corumbá, localizada na porção ocidental do Estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira do Brasil com a Bolívia. É uma das mais antigas do estado (1778), possuindo contato territorial com Ladário-MS a Leste, no lado brasileiro e com Arroyo Concepción (distrito de Puerto Quijarro, da província Germán Busch, departamento de Santa Cruz) a Oeste, no lado boliviano.

Ao analisar a presença de malabares no território fronteiriço da cidade de Corumbá, percebe-se que todos os que transitam pela cidade são imigrantes permanentemente de passagem firmados na ilusão de uma presença necessariamente provisória, pois, segundo Oliveira (2009, p. 85), “o imigrante é um ser fora do lugar [...], um ente que busca, incansavelmente, refletir-se naquilo que ainda não existe para ele: o novo lugar iludido, e a sombra dessa ilusão, o imigrante se rende e vive”.

Este território fronteiriço é marcado por fortes relações de trocas e mobilidade humanas, onde a fronteira, de acordo com os estudos de Nogueira (2007, p.67), é interpretada como a fronteira vivida, retratada com intenso significado para a sociedade que está na fronteira. A fronteira vivida é a forma escolhida por estes autores, não por interpretá-la como a única e absolutamente correta, mas por acreditar que, quando se analisa o cotidiano e o uso que os malabares fazem da fronteira, há de se considerar a noção de vivência, identidade com o território.

Assim, este artigo se propõe a analisar a participação dos malabares na cidade de Corumbá/MS, evidenciando como a sociedade os veem e que uso os mesmos fazem da fronteira em foco.

Com relação aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa se configurou como uma abordagem qualitativa, pela finalidade exploratória e descritiva. Visando buscar uma maior validade e confiabilidade, utilizou-se o uso de distintas fontes de informação para a construção da triangulação das fontes. Dessa forma foi realizada uma estratégia de investigação por meio da pesquisa bibliográfica, com coleta de informações através da entrevista semiestruturada e observação informal. A análise da pesquisa deu-se através das técnicas de análise de conteúdo. A escolha desses procedimentos metodológicos ocorreu devido ao objetivo da pesquisa, bem como ao objeto estudado.

Inicialmente foi realizada a pesquisa exploratória buscando suporte metodológico para melhor entender a fronteira; a imigração e os malabares encontrados na cidade de Corumbá-MS, evidenciando o uso que fazem da fronteira e como a sociedade os veem. Esta pesquisa ocorreu por meio do levantamento bibliográfico, que focou a utilização de livros, artigos científicos e jornais (*online*).

Após essa etapa foi realizada uma pesquisa conclusiva descritiva, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado. A realização das entrevistas aconteceu no período de 26 de maio a 30 de julho de 2014. Paralelamente às entrevistas, também foi realizado o método da observação informal com o intuito de recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas.

Com relação ao universo da pesquisa, para os malabares foi utilizada a técnica de levantamento de dados por um censo, considerando o número reduzido de participantes encontrados realizando a atividade de malabares nos semáforos das principais ruas da área

central de Corumbá (locais estratégicos utilizados pelos malabares). No total, foram entrevistados 8 malabares - todos na condição de migrantes internacionais e/ou imigrantes de passagem pelo Brasil. Já com relação aos moradores da cidade, foram selecionados, por conveniência para responder o objetivo proposto neste artigo 8 moradores encontrados no mesmo dia da pesquisa junto aos malabares. Teve-se a preocupação de manter o sigilo dos entrevistados de modo que serão representados, neste artigo, com a letra "E" (entrevistado) seguindo uma ordenação numérica (E1; E2; E3 e sucessivamente para os demais entrevistados). Os depoimentos foram mantidos bem próximos da fala original, corrigindo apenas os tempos verbais e expressões equivocadas da língua portuguesa. Também optou-se por apresentar os depoimentos na língua portuguesa.

Vale ressaltar que este estudo é fruto das pesquisas realizadas no Mestrado em Estudos Fronteiriços (UFMS - Campus do Pantanal) o qual, dentre suas linhas de pesquisa, dedica-se à temática "Imigrantes em Região de Fronteira".

Fronteira, Imigrantes e malabares: uma Construção Teórica

O termo fronteira é extremamente complexo. Segundo Lopes (2003), inicialmente, ao se falar de fronteira, faz-se necessário considerar a existência de uma polissemia contida na palavra que a anima e que pode nos remeter tanto a delimitações que contribuem para a separação e afirmação, como para a convivência, a troca e o encontro de diferenças.

Machado (1998, p. 2) apresenta que a fronteira "pode ser um fator de integração, na medida em que for uma zona de interpretação mútua e de constante manipulação de estruturas sociais, políticas e culturais distintas". Esta zona de interpretação mútua é interpretada por Santos (2002, p. 7) a partir do seu conceito de território, sendo este, "o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, forças e fraquezas, ou seja, o local onde o homem manifesta a sua existência".

Embora seja frequente, essa experiência de atravessar as fronteiras, nesse caso, no território fronteiriço entre o Brasil/Bolívia, implica uma alteração do cotidiano por intensificar a condição nacional de quem atravessa. Além disso, suscita por parte do sujeito em trânsito a percepção de que, se trata de uma experiência diferente. Logo, ainda que tenha uma ordenação estruturada, esta ação é vivida coletivamente de maneira intensa e integradora.

Uma dessas formas integradoras ocorre por meio dos malabares, que também são considerados fronteiriços, visto que enquadram na condição de um migrante internacional e possui relação com os moradores locais por meio de seu trabalho artístico realizado nos semáforos da cidade. A esse respeito Oliveira (2010, p. 324) ressalta que falar do fronteiriço é, em grande medida, falar do nacional e do internacional, e, em outra medida, do local.

Para Costa (2009, p. 230) a fronteira ao mesmo tempo em que representa uma área de separação, de desconhecido, apresenta-se também como perspectiva de contato entre povos. Tal afirmação remete ao conceito de imigrantes exposto por Sayad (1998) como estrangeiros que aparentemente, estão como provisórios em uma determinada sociedade receptora, mas que continuam mantendo variados elos culturais e sentimentais com suas nações de origem. Em sua grande maioria, tornaram-se permanentes, integrando-se de diferentes formas a uma nova nação.

O imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante "nasce" nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. (SAYAD, 1998, p. 16)

Nesse contexto os malabares, enquanto seres "fora do lugar" podem ser interpretados como migrantes internacionais. "Muitas vezes percebidos como pedintes ou pessoas sem ocupação, esses artistas de rua, estão presentes no entretenimento das pessoas há milhares de anos, passando por espetáculos de rua, palcos e picadeiros de circo" (BERGAMASCO e SILVA, 2006, p. 32).

Bergamasco e Silva (2006) apresentam registros lendários em uma ilha chamada Malabar (Atual Costa do Malabar - um trecho de litoral no sudoeste do subcontinente

indiano), onde os jovens exibiam suas habilidades com os malabares em um ritual que celebrava a entrada na maioridade. Ainda segundo os autores, malabares é uma arte praticada há mais de quatro mil anos, uma vez que no Egito existem inscrições funerárias datadas daquela época, onde foram encontradas pinturas murais no túmulo do Faraó Beni-Hassan que representavam figuras lançando objetos ao ar.

Alguns séculos foram necessários para o malabarismo ser outra vez visto como uma arte respeitada e, a partir do século XVIII, começou a ser praticado pelos palhaços nos espetáculos de circo. Daí vem à associação entre o palhaço e o malabarismo.

No século XX, mais precisamente, na década de 70, surgem novas modalidades de formação circense, como as escolas de circo fora da lona, bem como, a disseminação das atividades circenses por pequenos grupos que focavam em determinadas áreas, como acrobacia; malabares; palhaços/humor; teatro; dança; etc. (CIRCUS, 2008).

A prática do malabares é algo constante entre os artistas de rua encontrados nos semáforos do Brasil. Assim, há de se analisar o ir e vir desses imigrantes, algo que ocorre com grande intensidade. A fronteira serve de porta de entrada e saída para os malabares que circulam pelos países da América do Sul, em busca da sua liberdade tão almejada.

Perfil dos Malabares em Trânsito na Cidade de Corumbá-MS

Para retratar o perfil dos malabares em trânsito foi realizada uma entrevista semiestruturada junto aos malabares encontrados nos semáforos da cidade de Corumbá/MS procurando respostas aos questionamentos como: quais as suas significações atribuídas à fronteira? Que uso fazem da mesma? Um segundo roteiro de entrevista semiestruturado foi aplicado junto aos moradores da cidade de Corumbá/MS, buscando entender “como a sociedade os veem?”. As entrevistas aconteceram no cruzamento das ruas Frei Mariano com a D. Aquino, conforme apresentado na figura 1 mais especificamente no entorno do Grande Hotel, construído na década de 50 (Figura 1 “A”), e que, há muitos anos, está abandonado e servindo de moradia para animais e usuários de drogas (Figura 1 “B”).

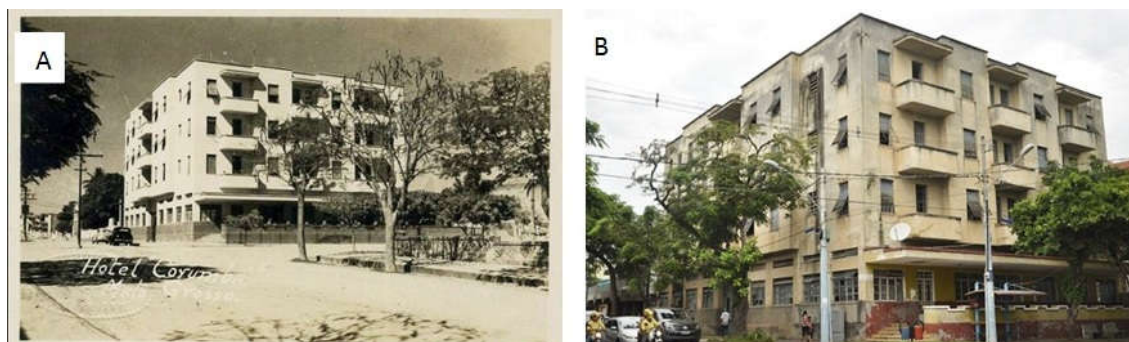


Figura 1: Cruzamento das ruas Frei Mariano com a D. Aquino – Grande Hotel.
Fonte A: Correio de Corumbá¹ / Fonte B: ESPÍRITO SANTO, A.L. (agosto de 2014).

No primeiro momento da pesquisa a entrevista contemplou o ponto de vista dos malabares. Foram entrevistados 8 malabares (todos os que foram encontrados no intervalo em que se deu o trabalho de campo), todos na condição de migrantes internacionais e/ou imigrantes de passagem pelo Brasil, ou seja, seres fora do seu lugar de origem prontos a estabelecer contato com outros povos, sendo suas nacionalidades assim apresentadas: 3 argentinos, 2 colombianos, 1 boliviano, 1 venezuelano e 1 canadense. Desse total, pelo menos cinco deles, se manifestaram a respeito do preconceito da sociedade brasileira, em especial dos agentes da Polícia Federal, com quem estabelecem um contato necessário para atravessar a fronteira. Segundo relatos dos entrevistados, existe a percepção de que são vistos pelos locais como pessoas sem qualquer ocupação na vida. Como um desabafo, E1. comentou que certo dia foi abordado por uma pessoa que passava dentro do seu veículo e gritava: " Vai trabalhar parasita!". Mediante esta declaração é possível afirmar que,

os malabares são indivíduos que estão permanentemente na fronteira (no sentido pejorativo do termo), isto é, à margem da sociedade.

Através das entrevistas constatou-se que a faixa etária predominante é de 20 a 28 anos (75%), ou seja, na sua maioria um público jovem. Em relação, a escolaridade, predomina o ensino médio (50%), seguido pelo ensino superior. Quanto ao tempo em que estão nas ruas, varia entre 1 a 4 anos, sendo que nesse período a maioria deles já passou por mais de 3 países, sendo os mais frequentes: Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina, considerando que o tempo de permanência nos mesmos é provisória, geralmente de 1 a 3 meses até conseguirem valor suficiente para seguir a rota pretendida. Em alguns casos (fato ocorrido com 3 dos entrevistados), a saída de um determinado país não ocorre por vontade própria, e sim, por serem solicitados a deixarem o país sob pena de serem deportados.

Outro país visitado pelos malabares foi o Equador que, apesar de não estar entre os destinos mais frequentes, chama a atenção pela quantidade expressiva de deportações. Essa constatação empírica é reforçada na fala da malabares E.2., possibilitando entender que, de todos os países visitados pelos malabaristas, incluindo o Brasil, o Equador se mostrou o mais rigoroso com relação às fiscalizações na fronteira. Dois malabares foram deportados do país e, uma terceira, quase foi deportada. E2. relata o seguinte acontecimento:

No Equador só se pode permanecer durante três meses [...] eu fiquei um mês a mais. Só não fui deportada porque me pediram para deixar o país com urgência. Regressei ao Peru, chegando até Cuzco [Peru]. Eu não queria ir para lá. Só fui porque me vi obrigada. Em Cuzco tomaram os meus instrumentos e me levaram até um escritório de imigração. Disseram-me que se eu voltasse a entrar no Equador, iriam me enviar para o Canadá. A partir daí cheguei à Bolívia e, depois, aqui em Corumbá.

Referente às viagens realizadas pelos malabares, em especial, pelos países da América do Sul, durante a realização desta pesquisa E.3. relatou que “todo artista de rua que viaja pela América do Sul quer ir até a Plátanos, Berazetegui [Argentina, Buenos Aires]. Uma das melhores escolas de teatro e circo da América do Sul”. Outra malabarista que deixa claro essa nova forma de aprender malabares, é a E.2. que relatou:

Comecei pelo Canadá. Estudei teatro, e participava de um grupo de artes (dança; filmes; teatro). Éramos seis pessoas. Fomos ao Peru para um intercâmbio aonde nós íamos ao Peru, e de lá, iria um grupo para o Canadá, uma “troca” para ensinar e aprender. Depois desse projeto fiquei no Peru, meus amigos voltaram para Montreal. Aí eu aprendi a fazer malabares com meus amigos colombianos que eu conheci lá.

As falas dos dois malabares supracitados vão ao encontro dos estudos realizados por Bergamasco e Silva (2006), ao afirmar que após o aumento da popularidade do cinema, dos audiovisuais e de outras formas artísticas advindas da modernidade tecnológica, começou o declínio do malabarismo em shows e espetáculos, mas os artistas voltam a encontrar forma de sobrevivência de sua arte nas ruas. “Hoje são populares nos semáforos, especialmente nos países da América do Sul” (BERGAMASCO e SILVA, 2006, p. 23).

Quando questionados a respeito da existência de uma rede de contatos entre si, foram unânimes em negar tal fato. Entretanto, ressaltaram que quando se encontram a caminho ou no próprio destino traçado, costumam trocar informações como rota, hospedagem, locais para a prática da atividade, entre outras.

Quanto ao aspecto linguístico, o espanhol foi o idioma predominante durante as entrevistas. Apenas a canadense tinha o inglês como idioma principal, sendo que, segundo a mesma, aprendera espanhol durante um ano, enquanto esteve no Peru. Os demais arriscam um portunhol² na tentativa de falar algumas palavras em português.

Consultados sobre o por quê da escolha por Corumbá como rota de viagem, 50% deles responderam que o motivo estava na facilidade de atravessar a fronteira Bolívia/Brasil com objetivo de posteriormente se deslocarem a outros destinos, nacionais - grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, e internacionais como Colômbia e Argentina. Outros 50% também relataram a escolha por Corumbá devido à facilidade de

travessia da fronteira para entrada no país vizinho (Bolívia). Logo, fica evidente que os malabares percebem a fronteira do ponto de vista dos fluxos humanos como vivida e, em conformidade com Nogueira (2007, p. 52), trata-se de uma fronteira porosa existente entre populações que mais aproxima do que afasta. Nesse sentido o estudo da porosidade da fronteira, apresenta a seguinte definição:

A porosidade de uma fronteira se refere à permissividade e ao controle exercido na transposição do limite. O sentido é metafórico e ocupa o centro das divergências entre a função econômica (e social) da fronteira e função política. A porosidade é relativa e diversa em função dos interesses sobre a fronteira dos distintos atores fronteiriços. (RIBEIRO, 2002, p.5).

Ao entrevistar os malabares, a fim de entender qual a percepção deles a respeito da fronteira, obteve-se resposta a dois importantes questionamentos que fundamentaram nosso problema de pesquisa: que uso fazem da Fronteira? Rota de entrada ou de saída?. Verificou-se que é utilizada para os dois fins, isto é, tanto como rota de entrada quanto rota de saída. Enquanto alguns, já na condição de imigrantes, vieram de outras regiões do Brasil, para fazer da fronteira Corumbá/Bolívia rota de saída, conforme relata E.4. “eu estava na Bahia, conheci um caminhoneiro, descemos até Minas Gerais e seguimos viagem até Bela Vista/MS [...]. Resolvi vir para Corumbá para eu chegar à Bolívia e futuramente ao Peru”; outros já vieram de outros países para utilizar a mesma como rota de entrada, conforme destaca E.5. “nós entramos aqui por causa da fronteira [...] quero chegar até São Paulo. Falaram-me que a Augusta [Rua Augusta, uma das principais ruas de São Paulo/Brasil] é arte o dia todo.” Para E.5., o fato de estar nessa fronteira é benéfico porque permite que se desloque com facilidade quando expiram os dias previstos para permanência no país.

Questionados sobre a questão de documentação para entrada no país, constatou-se que somente a E.2. possuía o passaporte. E.3 e E.6 declararam possuir documento de identificação com foto, contudo não deixaram clara a situação do ingresso no Brasil. Os demais, ou estão com o visto vencido ou perderam todos os documentos, mas nem por isso foram deportados. Isso é evidente na afirmação de E.1. “Perdi todos os meus documentos. Mais nunca fui deportado”. Esse relato caracteriza mais uma vez a fronteira como porosa, já que é percebida por eles quanto à permissividade e ao controle exercido na fronteira. A vulnerabilidade da mesma está relacionada à facilidade de entrar no território vizinho, do ir e vir, conforme evidenciado no relato de E.3.:

Eu tenho identidade. Meu “*permisso*”³ no Brasil já venceu. Tenho que arrumar isso [...] Agora estou fazendo reserva para ir adiante. Não pude ir porque meus documentos estão vencidos [...] Fiquei em Corumbá porque é perto da fronteira. Fico aqui, volto para Puerto Quijarro, ou Suarez [...] fico 14 dias lá. Volto e fico mais 30 aqui. Volto e fico mais 14 lá [...] Assim eu não fico com problemas com a polícia federal brasileira.

Quanto à forma pela qual os artistas são percebidos pelos locais, todos estes foram unânimes ao declararem que: “há muito preconceito, nos confundem com pedintes, não nos veem como artistas” (E.7.). Nesse ponto, vale ressaltar que há uma característica compartilhada por todos os malabares: a autodesignação como artistas de rua, sendo categóricos em afirmar o que não são: pedintes, pessoas sem nenhuma ocupação, ciganos ou *hippies*. Na figura 2 é observado que, no mesmo cruzamento que os malabares exercem suas atividades, é encontrado, pedintes que se aproveitam do semáforo para pedir dinheiro aos motoristas.

Ao se definirem como artistas é possível fazer uma comparação com os estudos de Scheneider (2004, p. 105), a respeito de como se constrói a identidade. Segundo o autor a construção da identidade se compõe de três elementos: uma declaração de pertencimento; um argumento que “justifica” essa “auto declaração”; e uma estratégia discursiva. Na figura 3, são apresentados dois momentos em que os entrevistados estão realizando a sua arte no cruzamento da cidade de Corumbá/MS.



Figura 2: Pedintes nos semáforos da cidade de Corumbá/MS
Fonte: Espírito Santo, A.L. (agosto de 2014).



Figura 3: Malabares em exercício
Fonte: Espírito Santo, A.L. (agosto de 2014).

Os três elementos apresentados por Scheneider (2004), para a construção da identidade, são facilmente encontrados nos relatos dos malabares. Primeiro, ao se afirmarem a todo instante como artistas (1º elemento - declaração de pertencimento). Ser artista para a maioria deles é sinônimo de liberdade: “Decidimos e fazemos o que queremos” (E.8.), “viajamos pelo mundo conhecendo diferentes culturas e mostrando nossa arte” (E.4.). Segundo, ao afirmarem que não são gananciosos (2º elemento - justificativa). E.4. relata: “vivemos com pouco [...] sobrevivemos com o dinheiro arrecadado através das apresentações, com esse dinheiro pagamos hospedagem, alimentação, vestuário, compramos brinquedos [...] somos felizes com poucas coisas”. O 3º elemento, (estratégia discursiva) ocorre quando afirmam que, com esse estilo de vida, abrem mão de uma vida convencional: “Rompeamos com a rotina e transformamos a vida numa aventura” (E.7.).

A autodesignação dos malabares, ao se verem como artistas de rua, pode ser corroborado com as considerações de Ostemberg (2010):

Quando alguém vê, na rua, um mímico, uma estátua viva, um dançarino ou até mesmo um malabarista em um semáforo, o que vê de fato é a arte cênica sendo feita na sua mais pura essência. É, na verdade, o artista revelando-se para o público, seja onde for, seja quem for. Não há importância às moedas. O que existe é a necessidade de o artista se expor e expor sua arte. (OSTEMBERG, 2010, p.44).

Questionados sobre onde aprenderam a praticar o malabarismo, cinco entrevistados responderam que aprenderam nas ruas com amigos antes de iniciarem a viagem pelo mundo. Outros 2 entrevistados relataram que aprenderam com amigos na escola de teatro e

circo do Peru e Argentina. A entrevistada E.2. é a única que estudou teatro, e participava de um grupo de artes (dança; filmes; teatro).

Quanto às modalidades de malabarismo que praticam, por meio da técnica da observação, constatou-se apenas a presença das claves, das bolas e do monociclo. Quando questionados, alegaram que atuam com esses instrumentos devido à facilidade de portabilidade e transporte durante as viagens.

Em relação à forma como veem a fronteira, foi interessante observar a reação de dois entrevistados quando se manifestaram a respeito do tema. Em ambos os casos, afirmou-se que esta simplesmente não existe. “A fronteira seria apenas uma invenção política dos homens” (E.8.). Na ocasião, o artista E.1. respondeu: “Eu não vejo a fronteira. Vejo políticas e falsos políticos”. A aversão à política de forma geral pode justificar o fato de serem pessoas despolitizadas. O que suscita a oportunidade para aprofundamento do tema, em trabalhos futuros, com diferentes abordagens para novas discussões a respeito.

Num segundo momento da pesquisa, foram entrevistados 8 moradores locais com objetivo de se identificar como os malabares são percebidos por eles. Todas as respostas foram consideradas, contudo, as falas aqui apresentadas foram selecionadas, por conveniência para responder o objetivo proposto neste artigo.

Todos os moradores entrevistados afirmaram conhecer as atividades desenvolvidas pelos malabares e, até terem contribuído financeiramente com os mesmos. Entretanto, dos 8 entrevistados, 6 demonstraram ter preconceitos com o estilo de vida que levam; 1 apresentou preconceito extremado a ponto de desejar a expulsão e a morte dos malabares e apenas 1 se mostrou totalmente imparcial e sem pré-julgamentos.

Nessa forma dos moradores locais enxergarem o “outro”, no caso os malabares, fica evidente a característica que permeia essa imagem: o uso excessivo de drogas e, às vezes, de álcool, conforme declara E.9., que trabalha há mais de 10 anos próximo ao local onde os malabares se concentram:

Eles causam uma boa impressão quando chegam. Mas no decorrer do dia a dia, dá pra ver que eles não estão nem aí pra nada, nem pra ganhar dinheiro. Só ganham o suficiente para comprar comida, cerveja e outras “*cositas mas*”, se é que me entende. Tem um que está aqui há muito tempo. Fazem uma sujeirada sem fim. Olhe só! Até taparam a entrada do hotel.

Na última semana da pesquisa, após diversas reclamações de moradores e de pessoas que trabalham próximo ao Grande Hotel, a Prefeitura Municipal de Corumbá colocou tapumes⁴ na fachada do hotel para inibir a presença dos malabares e pedintes.

Dessa forma, observa-se que a liberdade de vida e de expressão, também está associada ao uso da droga e do álcool. A pesquisa não teve pretensão de aprofundar na análise a respeito do uso de entorpecentes, apenas na questão: fronteira, cultura e imigrações. Contudo, não se pode deixar de comentar que, durante a realização da pesquisa, foi observado o uso de maconha por parte de alguns malabares.

Ao procurar uma explicação teórica que vinculasse o tema liberdade, estilo de vida, com o uso de drogas, encontramos nos estudos de Koller e Hutz (1996), a afirmação de que esta referência à busca de liberdade não deve ser interpretada como uma busca pela amplitude da rua, pela falta de controle parental e de ausência de limites, mas sim, como uma busca pela libertação do abuso e da exploração a que, em muitos casos, estas pessoas se encontram submetidas. Seja no convívio familiar, nos padrões de uma sociedade ou, até mesmo, por questões ideológicas e políticas.

Considerações Finais

Compreender a complexidade da vida nas cidades fronteiriças é um verdadeiro desafio. Sayad (1998, p.75), afirma que, ao se estudar o imigrante, é preciso fazer referência ao modo como o mesmo se imagina. Dessa forma houve uma preocupação inicial, por parte dos pesquisadores, em desconstruir os conceitos pré-concebidos, a partir do censo comum a respeito de quem são os malabares e que uso fazem da fronteira.

A partir da organização das informações coletadas verificou-se que a fronteira serve para os malabares tanto como rota de entrada quanto rota de saída. Também é possível afirmar que os malabares são sim artistas de rua e, as maiores dificuldades enfrentadas por eles são: a falta de estrutura nas cidades, (um espaço como albergue para que possam tomar banho e dormir, enquanto permanecem na mesma); um espaço que sirva como ponto de encontro para apresentação da sua arte; ausência de apoio aos imigrantes (informações sobre documentação e contato com a embaixada, por exemplo); e, por último, contudo não menos importante, a existência do preconceito aos olhos dos moradores locais.

Esta pesquisa contribui no sentido de apontar uma verdadeira cultura existente nas ruas, aqui representada pelos malabares. Uma cultura que, por sua vez, é carregada de significações, ainda que estas sejam mal interpretadas ou não compreendidas pela sociedade. Sobretudo, o estudo é interessante para suscitar o debate a respeito do tema fronteira apresentando os significados que o território fronteiriço adquire para os atores que o utilizam para diversos fins.

Podemos dizer que a arte dos malabares é uma arte silenciada devido à ausência do uso das palavras, mas fortemente realçada pelas demonstrações artísticas de que somos parte de uma mesma comunidade. E mais, existe uma mensagem transmitida por estes atores de que as fronteiras ou barreiras (no sentido figurado da palavra) são construções humanas que pregam o individualismo e a prisão do ser. Vale lembrar que esta pesquisa contemplou apenas a visão dos malabares. Contudo, em Corumbá/MS, durante a realização da pesquisa foram encontrados músicos, pintores, estátuas vivas e artesãos oriundos de diversos países. Ostemberg (2010, p. 46) já elucidava que “nas ruas todos nós somos um pouco artistas e um pouco espectadores. A dança dos pedestres e a encenação dos carros figuram no palco urbano e nos dão a nítida impressão de que a vida é uma arte”.

Notas de Referência

¹ Disponível em: O Grande Hotel no auge do seu funcionamento, década de 50. Disponível em: <http://www.correiodecorumba.com.br/index.php?s=artigo&id=352>

²Portunhol ou *portanhol* é uma palavra-valise que designa a interlíngua (ou língua de confluência) originada a partir da mistura de palavras da língua portuguesa e da espanhola. Ocorre, sobretudo, em cidades de fronteira entre países de língua portuguesa e espanhola (FAULSTICH, 1997).

³Permisso: Permisso (em espanhol) ou permissão (em português) é um documento que os imigrantes recebem no Posto de Controle de Imigração, na cidade de Corumbá/MS, autorizando a entrada no país por um tempo pré-determinado.

⁴Tapumes: Cerca ou tapagem, vedação, que pode ser feita com madeiras, latão, chapas e outros materiais. Disponível em: www.dicio.com.br/tapume

Referências

BERGAMASCO, J.G.P.; SILVA, P.C. Do circo para os semáforos das grandes cidades: um estudo sobre os malabaristas de rua e as relações com o lazer. **Anais** da 58ª Reunião Anual da SBPC - Florianópolis, SC - Julho/2006.

CIRCUS. **Panorama do Malabarismo no Brasil (2007-2008)**. Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses. Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas (SP), Agosto de 2011. Relatório de Pesquisa.

COSTA, E.A. da.Saúde e Fronteira: A difícil tarefa da Gestão Pública. In: **Despertar para a fronteira**. COSTA, E.A.; OLIVEIRA, M.A.M.; SILVA, G.A.M. (Org.). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.

- FAULSTICH, E. **Oportunhol é uma interlíngua?** Universidade de Brasília (UnB) - Departamento de Linguística, Línguas Clássica e Vernácula (LIV). Seminário apresentado no Institut Universitari de Linguística Aplicada (IULA). Barcelona, 1997.
- KOLLER, S.H. & HUTZ, C.S. **Meninos e meninas em situação de rua: dinâmica, diversidade e definição.** Coletâneas da ANPEPP. São Paulo: 1996.
- LOPES, M.A. de S. **Fronteiras, paisagens, personagens, identidades.** Universidade Estadual Paulista, Franca. 2003.
- MACHADO, L.O. Limites, Fronteiras e Redes. In: T.M. Strohaecker, A. Damiani, N.O. Schaffer, V.S. Dutra (Orgs.). **Fronteiras e Espaço Global**, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998.
- NOGUEIRA, R.J.B. Fronteira: espaço de referência identitária? **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 1, n. 2, dez/2007, p. 27-41.
- OLIVEIRA, M.A.M. de. O migrante e as Fronteiras: armadilhas interpretativas. In: **Seminários de Estudos Fronteiriços**. COSTA, E.A.; OLIVEIRA, M.A.M. (Orgs.). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009.
- OLIVEIRA, M.A.M. de. A Fronteira, A Imigração e o Fetiche do Trabalho: Significações Internacionais. In: **Seminários de Estudos Fronteiriços**. COSTA, E.A.; COSTA, G.V.L.; OLIVEIRA, M.A.M. (Orgs.). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.
- OSTEMBERG, R. **Vamos à rua! Digo vamos ao teatro.** Revista Cultura MS, 3ª edição. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2010.
- RIBEIRO, L.P. **Zonas de fronteira internacionais na atualidade: uma discussão.** Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:
http://www.retis.igeo.ufrj.br/atlas_de_fronteira/atlas/zfdiscussao.htm
- SANTOS, M. **Território e Dinheiro.** In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Território, Territórios. Niterói: PPGEO-UFF/AGB-Niterói, RJ. 2002. p.17 – 38. Disponível em:
<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/2>.
- SAYAD, A. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade;** prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SCHNEIDER, J. Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional. **Mana**, Vol. 10, n.º.1, Rio de Janeiro, p. 97-129, 2004.